

Um passeio pelo Louvre em retratos

Instituto Moreira Salles abre mostra e lança livro sobre série do fotógrafo Alécio de Andrade feita no famoso museu

Alécio de Andrade (1938-2003) foi mais que fotógrafo: era também pianista e poeta. Residente em Paris, o carioca realizou um trabalho célebre por quase 40 anos: nos espaços múltiplos do "maior museu do mundo", o Louvre, fotografou seus visitantes, de forma poética, em nada menos do que 12 mil imagens. Agora, dentro da programação do Ano da França no Brasil, o Instituto Moreira Salles apresenta um recorte dessa série com a abertura, amanhã, da mostra *O Louvre e Seus Visitantes*, acompanhada da edição de livro com prefácio do filósofo e sociólogo francês Edgar Morin e ensaio do acadêmico Adrian Harding. A exposição, com curadoria de Hélène Lassalle e Jean Marchetti, reúne 88 obras em preto e branco.

"O traço comum das fotografias que apresento talvez seja devolver a esse lugar tão visitado aqueles momentos de intimidade do público com as obras. De um momento para o outro, o visitante vive o encontro com uma obra ou mesmo com um detalhe dessa obra que vai comovê-lo mais do que qualquer outra coisa. Foi isso o que quis registrar", afirma Alécio de Andrade, no depoimento que abre o livro.

Edgar Morin, em seu ensaio, explica que as imagens de Andrade "permitem adquirir uma visão em espelho", ou seja, o belo se apresenta em diferentes faces, todas contidas na mesma foto - a beleza das obras (tantas delas tão conhecidas, vistas ao vivo ou não, porque estão em nosso imaginário), a contemplação do outro, o visitante flagrado em encantamento pelo quadro ou escultura que vê no museu; o olhar do fotógrafo para aquele momento, captando até mesmo "maravilhosas atitudes corporais" do espectador; e, por fim, a nossa própria visão de tudo isso condensada em um retrato. "O imaginário começa com a imagem-reflexo, que ele dota de um poder fantasmagórico, a magia do duplo", escreve ainda Morin.

Andrade iniciou a série *O*



VISÃO EM ESPELHO - Crianças observam quadro de Ingres em 1990

Louvre e Seus Visitantes em 1964 e é curioso relacionar agora esse trabalho com o similar e recente do alemão Thomas Struth, que, no início dos anos 2000, também fez retratos de pessoas em museus - dele, uma das imagens mais conhecidas é de um grupo de crianças sentadas no chão e ouvindo as explicações sobre *Las Meninas*, de Velázquez no Prado. Mas as fotos de Struth têm algo de congelado no tempo, o que não transparece nas imagens de Alécio de Andrade. Os retratos do brasileiro têm vivacidade, humor (três freiras vêm o quadro das Três Graças nuas), des-

contração - há imagens, por exemplo, de visitantes exaustos descansando -, e revelam algo do "instantâneo". Como são imagens feitas durante décadas, vê-se nos detalhes das roupas a passagem do tempo e há esse jogo também entre o antigo e o atual. ● C.M.

Serviço

● **O Louvre e seus Visitantes.** Instituto Moreira Salles. Rua Piauí, 844, 1.º andar, Higienópolis, 3825-2560. 13h/19h (Sáb. e dom., 13h/18h; fecha 2ª). Grátis. Até 21/6. Abertura amanhã, às 19h30

2009
Ano da França no Brasil

De olho nos frequentadores do Louvre

Mostra em São Paulo traz fotos de Alécio de Andrade com reações dos visitantes do museu

Marcia Abos
SÃO PAULO

Durante quase 30 anos, o fotógrafo, pianista e poeta brasileiro Alécio de Andrade (1938-2003) visitava diariamente o Museu do Louvre ("Como um mineiro vai à mina", dizia ele). Carioca radicado em Paris desde 1964, Alécio garimpava tesouros instantâneos no mais célebre museu do mundo, flagrando com sua câmera momentos mágicos de interação entre obras, visitantes e funcionários.

O resultado deste trabalho é uma série de 12 mil fotografias em preto e branco. Patricia Newcomer, viúva do fotógrafo brasileiro, dedicou-se a organizar este acervo para fazer um livro, seguindo os planos de Alécio. Após uma seleção inicial de duas mil fotos, ela pediu ajuda ao amigo Jean Marchetti, editor e marchand belga. Marchetti selecionou as 61 fotos que compõem o livro "O Louvre e seus visitantes", que o Instituto Moreira Salles (IMS) está lançando no Brasil.

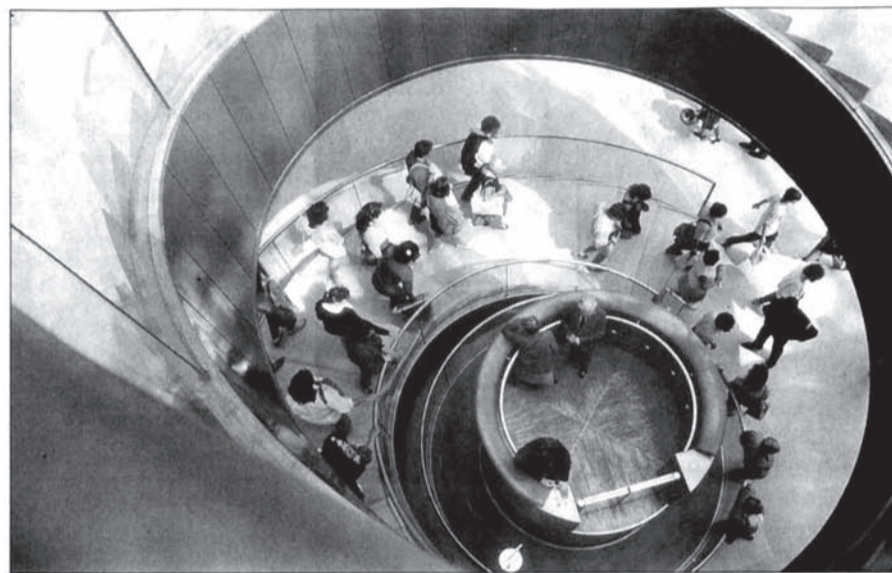
Posição do pé é o que vale na foto

Para complementar o livro, mais 27 fotos foram adicionadas para uma exposição, aberta ao público na semana passada na sede do IMS em São Paulo, como uma das atrações do Ano da França no Brasil.

— Alécio acreditava que em algum momento ele conseguiria prever uma foto antes que ela acontecesse. E sempre dizia que o mais importante em uma foto era a posição de seu pé. Para ele, fotografar era uma dança. Alécio não era um observador distante, fazia parte do que fotografava, com uma noção de ritmo que vinha do pianista — explica Patricia Newcomer.

Quando Alécio foi viver em Paris, em 1964, estava ansioso para ver os originais das pinturas que já havia visto reproduzidas em livros. Mas, apesar de ter começado a fotografar o Louvre em 1965, a ideia de fazer uma série de fotografias dentro do museu, mostrando as obras e os visitantes que as observavam, só se consolidou mesmo no início dos anos 80.

— Sempre que um jovem fotógrafo o visitava em Paris, Alécio



CINCO DAS 12 MIL fotos em preto e branco (61 delas foram selecionadas para o livro "O Louvre e seus visitantes") feitas pelo brasileiro Alécio de Andrade durante mais de 20 anos de visitas ao museu parisiense; à esquerda, a famosa foto que ele batizou como "As três graças"

o mandava ao Louvre para ver pinturas e dizia: "Vá ao Louvre e depois me peça conselhos" — lembra-se Patricia.

A princípio, Alécio pretendia capturar imagens em todos os museus de Paris. Mas um de seus editores recomen-

dou: "Se sua paixão é o Louvre, por que não ficar só nele?". O brasileiro já havia feito por lá fotos como "As três graças", na qual três freiras observavam as três mulheres nuas do quadro de Jean-Baptiste Regnault, e se entusiasmou

com a ideia. Alécio também estava encantado com a construção do Grand Louvre — extensão subterrânea do museu, com a entrada através da pirâmide projetada por I. M. Pei —, inaugurada em 1989.

— Quando você visita o

Louvre é que percebe o quanto deve ter sido difícil para ele fotografar em meio à multidão — admira-se Patricia, acrescentando que Alécio fotografava mais entre os meses de junho e setembro, o período de rush dos turistas. — Ele sem-

pre esperava fazer algo que não fosse banal e tinha um senso de humor incrível. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Veja mais fotos de Alécio de Andrade
oglobo.com.br/cultura